

LEITURA E ESCRITA: PRÁTICAS DE INCENTIVO À LEITURA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL



READING AND WRITING: PRACTICES TO ENCOURAGE READING IN THE EARLY YEARS OF ELEMENTARY EDUCATION

ALINE DE SOUZA FELIX BOZZO

Graduação em Letras pela Universidade Braz Cubas (2003) e Pedagogia, pela Universidade Nove de Julho – UNINOVE (2012); Professora de Educação Infantil em Centro de Educação Infantil (CEI) Araucárias; Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I em CEU EMEF Jambeiro.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar as práticas de incentivo à leitura nos anos iniciais do ensino fundamental, destacando a importância da leitura e da escrita como instrumentos de formação cognitiva, social e cultural das crianças. Parte-se do entendimento de que o ato de ler ultrapassa a simples decodificação de símbolos, constituindo-se como prática social essencial para o desenvolvimento da criticidade e da autonomia dos alunos. A pesquisa fundamenta-se em autores como Magda Soares e Paulo Freire, que defendem uma abordagem significativa e contextualizada do processo de alfabetização e letramento. Nesse contexto, ressalta-se o papel do professor como mediador das experiências de leitura, responsável por criar ambientes estimulantes, diversificados e ricos em textos de diferentes gêneros. A adoção de práticas pedagógicas como rodas de leitura, contação de histórias e projetos literários contribui para o despertar do interesse e do prazer pela leitura, promovendo o desenvolvimento da competência leitora e escritora. Conclui-se que o incentivo à leitura nos anos iniciais é fundamental para a formação de leitores críticos e participativos, capazes de compreender e interagir com o mundo por meio da linguagem escrita.

Palavras-chave: Leitura; Escrita; Letramento; Alfabetização; Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

ABSTRACT

This article aims to analyze practices that encourage reading in the early years of elementary school, highlighting the importance of reading and writing as tools for children's cognitive, social, and cultural development. It is based on the understanding that the act of reading goes beyond the simple decoding

of symbols, constituting an essential social practice for the development of students' critical thinking and autonomy. The research is based on authors such as Magda Soares and Paulo Freire, who advocate for a meaningful and contextualized approach to the literacy process. In this context, the role of the teacher as a mediator of reading experiences is emphasized, responsible for creating stimulating, diverse environments rich in texts of different genres. The adoption of pedagogical practices such as reading circles, storytelling, and literary projects contributes to awakening interest and pleasure in reading, promoting the development of reading and writing skills. It is concluded that encouraging reading in the early years is essential for developing critical and participatory readers, capable of understanding and interacting with the world through written language.

Keywords: Reading; Writing; Literacy; Early Years of Elementary School.

INTRODUÇÃO

A leitura e a escrita são dois elementos essenciais para o desenvolvimento integral do indivíduo, favorecendo os aspectos cognitivo, social e cultural desde os primeiros anos de vida escolar. Nos anos iniciais do ensino fundamental, a prática de leitura e escrita são fundamentais, já que é nesse período em que se inicia o processo de alfabetização, possibilitando que as crianças sejam inseridas nas práticas sociais de leitura e escrita.

Sabemos que a leitura não se trata apenas da decodificação de códigos, mas implica compreender, interpretar e produzir sentidos no contato com diferentes textos e contextos comunicativos. Ainda há, no entanto, um grande desafio a ser enfrentado pelos docentes na realidade escolar: o despertar do interesse pela leitura e escrita, sem que haja uma mera decodificação mecânica, restringindo o ato de ler às atividades escolares obrigatórias.

Magda Soares (2017) destaca a importância de se “alfabetizar letrando”, caracterizando esse processo como uma das principais estratégias de incentivo à leitura na escola, uma vez, que de acordo com a autora, se faz necessário criar sentido sobre aquilo que se lê, considerando o contexto social onde o aluno está inserido. Paulo Freire (1996) ressalta que “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”, enfatizando mais uma vez a relevância de contextualizar tudo que o aluno aprende, inclusive na aquisição de leitura e escrita.

Dessa forma, este artigo busca discutir as práticas pedagógicas de incentivo à leitura nos anos iniciais do ensino fundamental, refletindo sobre sua importância para o desenvolvimento da competência leitora e para a formação de sujeitos capazes de interpretar o mundo por meio da linguagem escrita.

No primeiro item, discorreremos sobre a escola como espaço de letramento, refletindo sobre a alfabetização associada ao letramento como estratégia para desenvolver desde cedo o gosto pela leitura. No segundo item, refletiremos sobre as principais estratégias para a formação do sujeito leitor,

bem como no desenvolvimento de habilidades de escrita, produção textual, por exemplo, destacando o papel da escola e do professor mediante essas estratégias.

Por fim, faremos a articulação de tudo que foi evidenciado pela revisão literária, enfatizando os principais pontos encontrados na pesquisa a respeito do tema, contribuindo assim para uma educação de qualidade, capaz de desenvolver leitores assíduos, críticos, reflexivos e autônomos.

A ESCOLA COMO ESPAÇO DE LETRAMENTO: REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

A escola ocupa um papel central na formação do sujeito leitor e escritor, constituindo-se como um importante espaço de letramento, isto é, um ambiente onde a leitura e a escrita são práticas vivas, cotidianas e socialmente significativas. Mais do que ensinar o código alfabético, cabe à escola promover situações em que os estudantes compreendam a função social da linguagem escrita, participem de práticas reais de comunicação e desenvolvam autonomia na produção e interpretação de textos.

Soares (1988, p. 28) define a leitura como um processo político e no caso dos alfabetizadores, professores e bibliotecários, desempenham um papel político e que a ação deles pode ser ou não, um instrumento de transformação social. Para Orlandi (1995 apud KRUG, 2015), o sujeito leitor é quem, em sua preexistência, se torna produtor da interpretação do texto, ao mesmo tempo em que, coloca-se como contemporâneo a ele, produzindo leitura, especificamente de sentido, garantindo sua eficácia, organizando-se com seu conhecimento de um eu-aqui-e-agora, relacionando-se com ele sem perder sua originalidade.

A alfabetização e o letramento são conceitos distintos, porém se integram para ascender o processo de aprendizagem da criança ou adulto de forma mais ampla, em que alfabetizar letrando significa decodificar e codificar a língua escrita, mas introduzir a compreensão real da palavra no contexto social. (SILVA, SANTOS, 2020). De acordo com Soares (2017, p. 198):

Letramento é palavra e conceito recentes, introduzidos na linguagem da educação e das ciências linguísticas há pouco mais de duas décadas. Seu surgimento pode ser interpretado como decorrência da necessidade de configurar e nomear comportamentos e práticas sociais na área da leitura e da escrita que ultrapassem o domínio do sistema alfabético e ortográfico, nível de aprendizagem da língua escrita perseguido, tradicionalmente, pelo processo de alfabetização. Esses comportamentos e práticas sociais de leitura e de escrita foram adquirindo visibilidade e importância à medida que a vida social e as atividades profissionais tornaram-se cada vez mais centradas na e dependentes da língua escrita, revelando a insuficiência de apenas alfabetizar – no sentido tradicional – a criança ou o adulto. Em um primeiro momento, essa visibilidade traduziu-se ou em uma adjetivação da palavra alfabetização – alfabetização funcional tornou-se expressão bastante difundida – ou em tentativas de ampliação do significado de alfabetização/alfabetizar por meio de afirmações como “alfabetização não é apenas aprender a ler e escrever”, “alfabetizar é muito mais que apenas ensinar a codificar e decodificar”, e outras semelhantes.

Justo e Rubio (2013, p. 2) afirmam que o termo letramento é novo e técnico, oriundo da palavra inglesa “literacy”, a partir de uma nova realidade social no qual se concebe que não basta apenas saber ler e escrever, mas sim, “responder efetivamente às práticas sociais que usam a leitura e a escrita”. Segundo as autoras, ser letrado significa ser capaz de ir além do domínio da leitura e da escrita, fazendo uso efetivo e frequente de ambos.

Na opinião de Mendonça (2007, p. 46) “o conceito de letramento é considerado central para a compreensão dos processos de ensino-aprendizagem e para a intervenção dos professores em sala de aula”. Para a autora, a aquisição da escrita não ocorre desvinculada das práticas sociais em que se inscreve, pois:

ninguém lê ou escreve no vazio, sem propósitos comunicativos, sem interlocutores, descolado de uma situação de interação; as pessoas escrevem, lêem e/ou interagem por meio da escrita, guiadas por propósitos interacionais, desejando alcançar algum objetivo, inseridas em situações de comunicação. Cabe lembrar ainda que esse processo é atravessado por valores e crenças dos mais diversos tipos. (MENDONÇA, 2007, p. 46, 47).

Soares (1988, p. 57 apud JUSTO, RUBIO, 2013, p. 5) salienta que as escolas precisam se preocupar com a alfabetização dentro do contexto social em que os alunos estão inseridos. Se faz necessário, por exemplo, que a escola crie condições necessárias para o letramento, embora a instituição educacional não forme leitores sozinha, ela é imprescindível para auxiliar nessa formação, já que as crianças muitas vezes aprendem o código, a mecânica, mas depois não aprendem a usar.

Cabe aos professores transformar o aluno alfabetizado em uma pessoa letrada e isso se dá através de incentivos variados, no que diz respeito a diversos tipos de leituras, utilização de exercícios de interpretação e compreensão, além de vários outros tipos de ferramentas como revistas, jornais, internet, etc. O processo de ensino-aprendizagem de leitura e de escrita na escola não pode ser configurado como um mundo à parte e não ter a finalidade de preparar o sujeito para a realidade na qual se insere. (JUSTO, RUBIO, 2013, p. 6).

No processo de alfabetização e letramento, é importante que os professores tragam não somente exemplares que são usados cotidianamente na sociedade, mas sim, ao ler ou escrever um texto, explicar clara e explicitamente o objetivo para os envolvidos na situação de leitura ou produção. (SANTOS, ALBUQUERQUE, 2007, p. 97).

Sobre a prática social, Kleiman (2007) declara que ela é possível quando sabemos agir discursivamente, ou seja, quando conseguimos perceber qual gênero do discurso devemos usar, por isso a relevância de trabalhar com diferentes gêneros no planejamento didático, no entanto, isso não significa que a aula deva ser inteiramente pautada em função de qual gênero ensinar. A autora traz alguns exemplos de como trabalhar essas funções em sala de aula, se as crianças estiverem interessadas por dinossauros, o professor poderá usar verbetes, hipertextos, entrevistas com cientistas, produção de questionários, entre outros.

Justo e Rubio (2013, p. 6) ressaltam que alfabetização e letramento devem caminhar juntos, no entanto, reforçam a ideia de que o processo de letramento antecede a alfabetização, permeia todo o processo de alfabetização e continua a existir quando já estamos alfabetizados. Soares (2010 apud JUSTO, RUBIO, 2013, p. 6) quando a criança chega à escola, cabe à educação orientar esses processos, sendo a educação infantil o pioneiro deles, já que, como anteriormente citado, o letramento se estenderá por todo o percurso escolar da criança e ainda mais que isso, por toda a sua vida. De acordo com Santos e Albuquerque (2007, p. 98):

Alfabetizar letrando é, portanto, oportunizar situações de aprendizagem da língua escrita nas quais o aprendiz tenha acesso aos textos e a situações sociais de uso deles, mas que seja levado a construir a compreensão acerca do funcionamento do sistema de escrita alfabético.

Em uma entrevista concedida a Guimarães e Maciel (2018, p. 228) Kleiman defende que o letramento se relaciona com as variadas práticas de leitura e escrita, para muito além da leitura literária. A autora define que é importante apresentar a literatura para a criança desde pequena, de modo a ensiná-la que a leitura de um livro proporciona, acima de tudo, um momento muito prazeroso.

Para a autora, quanto mais letrada, mais acesso aos bens culturais a criança terá, cumprindo o princípio de uma educação libertadora. A autora defende a criticidade dos alunos por meio do letramento, já que este último tem como finalidade a prática usual da leitura e da escrita, e finaliza dizendo que é através das atividades linguísticas que a consciência crítica sobre sua condição social se desenvolve no aluno.

Alfabetizar letrando, portanto, é a prática de associar a aprendizagem técnica a vivência social da linguagem, trazendo valor ao contexto e a funcionalidade do que se lê e escreve, rompendo com uma visão tradicional de ensino, que se pauta em um aprendizado mecânico e por meio da mera memorização de conteúdo, o que propicia significado e prazer à aprendizagem. Além disso, é uma forma de contribuir não somente para o desenvolvimento da competência linguística, mas para a formação de cidadãos leitores, críticos e com autonomia, que serão capazes de interpretar, intervir e transformar a realidade por meio da linguagem.

LEITURA E DA ESCRITA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: ESTRATÉGIAS DE INCENTIVO À LEITURA

A linguagem é uma das principais ferramentas de interação humana e, na infância, seu desenvolvimento é fortemente influenciado pelas experiências vividas nos contextos familiar e escolar. Nesse cenário, a leitura desempenha um papel central na ampliação das habilidades linguísticas, favorecendo tanto a linguagem oral quanto a escrita. Desde a Educação Infantil, o contato com textos variados possibilita à criança construir sentidos, ampliar o vocabulário, desenvolver a escuta e iniciar-se no universo letrado.

De acordo com Rangel e Machado (2012, p. 2) a leitura e a escrita são práticas que requerem que o aluno tenha adquirido competências específicas para se apropriar do conteúdo lido. Para as autoras:

Nesse sentido, a escola, considerada como um dos importantes locus de construção e apropriação de conhecimentos ora reproduzidos, ora criados, tem o compromisso de implementar e desenvolver atividades que coloquem o aluno diante de desafios impostos pela leitura e interpretação de um mundo letrado no qual está inserido. Os professores são os principais articuladores e promotores dessas práticas organizadas e planejadas de conhecimento e reconhecimento de um mundo letrado. A partir de um planejamento estruturado, segundo a diversidade de possibilidades linguísticas que a linguagem em suas múltiplas formas pode oferecer, e de atividades e estratégias capazes de abrir os caminhos para que cada forma de linguagem ganhe sentido para o aluno, o professor vai abrindo e criando espaços para que os processos linguísticos possam ser assimilados e compreendidos.

A leitura e a escrita do mundo surgem como poderosas fontes de emancipação do aluno e dos professores como cidadãos que vivem em uma sociedade letrada e que exige, cada vez mais, conhecimentos dos sujeitos para que possam, por meio das interações feitas e dos diálogos estabelecidos, enfrentar os desafios lançados pelo mundo do trabalho, pela vida em família e em sociedade, pela educação em suas práticas educacionais, colocando-se de forma crítica e transformadora. (RANGEL, MACHADO, 2012, p. 2).

Na opinião de Januário (2024, p. 16) quando se trata dos anos iniciais do ensino fundamental I, o papel do professor enquanto mediador de aprendizagem é indispensável para a formação intelectual, crítica e social das crianças, já que o processo de ensino e aprendizagem da leitura e escrita é sistemático e é construído diariamente no meio social ao qual o ser humano está inserido. Assim, “o professor, como mediador, tem o papel de facilitar a interação entre os alunos e os materiais teóricos metodológicos, promovendo situações de aprendizagens significativas e contextualizadas.”. Nas palavras de Rangel e Machado (2012, p. 2):

Ao considerar que a aquisição da leitura e da escrita são atos que exigem processos organizados metodologicamente, poder-se-ia dizer que também dependem de estímulo e motivação e que o hábito de ler e de escrever pode ser adquirido em qualquer época da vida do estudante. Compreender e usar as linguagens escrita e oral são um recurso indispensável para a aquisição do conhecimento em suas várias formas de expressão, para o enriquecimento de vocabulários, para o aprimoramento da comunicação e também para a vivência da experiência de entretenimento, de construção de conhecimentos que ambas oferecem. É preciso viver as experiências de leitura e escrita tanto na escola, como fora dela. (RANGEL, MACHADO, 2012, p. 2).

A Base Nacional Comum Curricular (2018) fala sobre a importância do letramento digital nos anos iniciais do ensino fundamental, tendo em vista o avanço das tecnologias na contemporaneidade, claro que sem desprezar a necessidade de exploração dos materiais impressos como livros, artigos de opinião, verbetes, dicionários, charge, crônica, tirinhas, etc. De acordo com o documento, os objetivos na esfera de linguagens para os primeiros anos do ensino fundamental são:

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
2. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
3. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.
4. Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.
5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.
6. Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos.

Ainda de acordo com o documento, o foco da ação pedagógica nas séries iniciais do ensino fundamental está na alfabetização, de modo que as crianças ampliem as oportunidades de escrita, fazendo uma articulação com as habilidades de leitura e ao seu envolvimento em diversificadas práticas de letramento.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 38) apontam que uma das práticas eficazes práticas para o incentivo da leitura e escrita nos anos iniciais se dá pela prática constante de leitura na escola, de modo a trabalhar com os alunos diferentes formas de interpretação, tornando-os capazes de construir essa interpretação pelo esforço, sabendo que ela não vem apenas por ler o que está escrito, mas de trazer conhecimento ao que se lê.

Botini e Fârago (2014) destacam que há dois fatores que influenciam diretamente na formação de leitores na escola: o papel do professor e o ambiente escolar favorável e propício para boas leituras. Para as autoras, os professores precisam motivar os alunos através de planejamento e seleção dos materiais a serem lidos e ao indicar leituras, devem ter em mente que afetará positivamente ou negativamente a forma como os indivíduos entenderão a si mesmos e ao mundo.

A escola poderia proporcionar o contato com as mais variadas leituras e depois abrir espaço para depoimentos, comentários e discussões acerca do que foi lido, dessa maneira, poderia instigar, no aluno, o gosto pela leitura dentro e fora da escola, já que os indivíduos precisam, nesse contexto informacional de conhecimento saber como escolher melhor a informação que desejam. (BOTINI, FÂRAGO, 2014).

Nascimento (s.d., p. 7) discorre sobre o professor estar envolvido em atividades de pesquisa e leitura e incentivar os seus alunos a frequentarem a biblioteca, situações em que, de acordo com a autora, aumenta e muito o desempenho em português. A autora também traz em seu trabalho a

relevância do trabalho da gestão no incentivo a essas práticas, bem como na orientação de aplicações em sala de aula, pois em sua opinião, “se o aluno receber atendimento às necessidades sociais, poderá perceber de forma mais positiva o valor da leitura e da produção textual” (p. 2).

Lima (2017, p. 59) uma das principais razões pela qual o indivíduo não escreve bem é a falta do hábito de leitura e de conhecimento sobre determinados assuntos, o que gera a dificuldade de interpretação de textos, enunciados, etc. Para a autora:

Por tanto é preciso incentivar a prática da leitura tanto nas escolas, desenvolvendo técnicas e habilidades de ensino, como em outros ambientes, porque por meio da leitura, o indivíduo passa a conhecer os seus direitos e é impulsionada a lutar por eles, a leitura é um poderoso conhecimento que o indivíduo possui sobre a desigualdade em nossa sociedade. É um meio que muitos usaram para incentivar um grupo de pessoas ou até mesmo uma nação a lutar por determinada causa. (LIMA, 2017, p. 59).

É importante também a participação das famílias para o estímulo dos alunos em relação às práticas sociais de leitura e escrita, pois os primeiros passos para se obter a aprendizagem originam-se na família. (NASCIMENTO, [s.d.], p. 8). Segundo Strick e Smith (2001 apud NASCIMENTO, [s.d.], p. 8) “o ambiente doméstico exerce um importante papel para determinar, se qualquer indivíduo aprende bem ou mal por que é neste ambiente que se tem as primeiras informações de vida.”

Souza e Coutinho (2020) sugerem que a biblioteca escolar é um dos espaços mais importantes no processo de aquisição de leitura e escrita, destacando que o papel do professor é realizar atividades inovadoras para aproximar o aluno para desenvolver a prática de leitura e o hábito de ler. Ao chegar na biblioteca, as autoras defendem que a criança precisa escolher o livro da biblioteca da escola que mais chame a sua atenção de acordo com o gosto de cada um e levá-lo para casa, pois essas ações despertam o interesse e o gosto pela leitura, formando cidadãos críticos, reflexivos e autônomos no ambiente escolar. Para Rangel e Machado (2012, p. 3), o papel do professor no que se refere às práticas de incentivo à leitura e escrita na escola é:

Ser referência de leitor e escritor competente, lendo e escrevendo para e com os alunos. • Estimular as práticas diversificadas de leitura, integrando diversos conteúdos e temáticas, de modo a levar o aluno a estabelecer uma intimidade positiva com os mais variados tipos de texto, percebendo sua beleza estética, comunicativa, cultural, informativa, científica. • Planejar e orientar as práticas de leitura e escrita, deixando evidente o propósito e a intencionalidade da atividade: aquisição de um determinado conteúdo, entretenimento. • Promover reflexões sobre a importância da leitura e da escrita como formas de participação social e exercício da cidadania, contextualizando com situações da vida real. • Valorizar e utilizar os conhecimentos prévios, acumulados, apresentados pelos alunos, levantando hipóteses, experiências, previsões e conhecimentos sobre o tema em questão, promovendo um debate oral. • Usar estratégias, a partir da motivação apresentada pelo próprio professor para o tema abordado, que instiguem a curiosidade do aluno – “Para formar leitores devemos ter paixão pela leitura” (KLEIMAN, 2000, p.15). • Desenvolver atividades que oportunizem aos alunos tornarem-se leitores e escritores competentes, criando hábitos de leitura e escrita para além do conteúdo curricular obrigatório, a partir do contato direto e permanente com o mundo letrado.

Para finalizar, entendemos que o processo de aquisição de escrita e leitura não deve ser visto como uma mera obrigação escolar e nem atividade relacionada a uma única disciplina, como a Língua Portuguesa, por exemplo. E sim, uma prática cotidiana, de modo a familiarizar os alunos com a leitura, tornando-a prazerosa e enriquecida de aprendizado e conhecimento para todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal dessa pesquisa foi trazer a importância da leitura e da escrita nos anos iniciais do ensino fundamental, bem como abordar diferentes estratégias dessas práticas no cotidiano escolar. A pesquisa evidenciou a leitura como o ponto chave para o processo de alfabetização e aquisição da escrita, assim como afirmou que o letramento antecede a alfabetização, reforçando a ideia de que o aluno precisa estar letrado antes mesmo de saber ler ou escrever, reconhecendo as práticas sociais do uso de leitura e escrita.

A criança que, desde cedo, possui contato com materiais impressos e diferentes gêneros textuais (verbetes, poemas, contos, fantasias, jornais, etc), tende a desenvolver o interesse e gosto pela leitura de maneira espontânea, o que a leva a se tornar um sujeito leitor crítico, reflexivo e capaz de expressar suas opiniões, participando ativamente na construção de sua própria aprendizagem.

A leitura também abre uma porta de conhecimento no processo de aquisição da escrita, pois assim como a pesquisa denotou, o aluno que possui dificuldade na escrita, bem como na interpretação de textos e enunciados, geralmente não possui o hábito de leitura e desconhece os caminhos de uma boa interpretação, uma vez que o que se escreve não tem relação com seu conhecimento prévio.

Entre as estratégias de leitura destacadas pela pesquisa, estão o envolvimento e participação das famílias nesse processo, haja vista que o processo de aprendizagem se inicia desde a base familiar, pois com pais leitores assíduos, a criança também naturalmente desenvolverá essa prática. A revisão literária também classificou como importante o letramento digital, já que na atualidade as crianças, jovens e adolescentes possuem fácil acesso às diferentes tecnologias, destacando a necessidade de a escola reinventar seus métodos de ensino de modo a tornarem suas aulas interessantes, com a finalidade de proporcionar a aprendizagem significativa.

Um espaço também destacado pela pesquisa a ser explorado no ambiente escolar é a biblioteca, tendo como principal objetivo oportunizar o contato dos alunos com diferentes gêneros e literaturas, deixando-as explorar livremente e escolher o que será lido de acordo com seus interesses, levando-o também para casa, o que aumenta a probabilidade de esse aluno encontrar prazer no ato de ler.

A pesquisa também trouxe uma análise reflexiva do papel do professor nesse processo, apontando alguns aspectos importantes na conduta do mesmo enquanto mediador de aprendizagem, como por exemplo, ser também um leitor assíduo, planejar e direcionar suas aulas para estimular a prática de leitura, valorizando o conhecimento prévio de seus alunos, assim como se apropriar do

conhecimento a respeito das tecnologias, ensinando seus alunos como usar as ferramentas digitais de maneira consciente, crítica e autônoma.

Destacamos por meio dessa pesquisa, a relevância de abordar com maior ênfase nos cursos de licenciatura/formação docente a necessidade de tornar a leitura como uma prática rotineira e prazerosa no ambiente escolar, de modo a desenvolver nos seus alunos a consciência da importância do ato de ler, contribuindo para a formação do sujeito leitor na sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS

BOTINI, G.A.L. FÂRAGO, A.C. Formação do leitor: papel da família e da escola. *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*, Bebedouro, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 44-57, 2014. Disponível em: [04042014073856.pdf](https://doi.org/10.4042014073856.pdf). Acesso 09 abr. 2025.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental*. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUIMARÃES, F.F. MACIEL, P.S. Letramento como prática social: entrevista com Angela Kleiman. *Grau Zero-Revista de Crítica Cultural*, v. 6, n. 2, p. 217-229, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/grauzero/article/view/6103/3870>. Acesso 04 out. 2025.

JANUARIO, M.G.S. *A importância do professor mediador na aprendizagem da leitura e da escrita nos anos iniciais do ensino fundamental I*. 36f. 2024. Monografia (Licenciatura em Pedagogia), Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Angicos, 2024.

JUSTO, M.A.P.S. RUBIO, J.A.S. Letramento: o uso da leitura e da escrita como prática social. *Saberes da Educação*, v. 4, n. 1, 2013. Disponível em: <https://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v4-n1-2013/Marcia.pdf>. Acesso 04 out. 2025.

KLEIMAN, A. *O conceito de letramento e suas implicações para a alfabetização*. São Paulo: Unicamp, 2007.

KRUG, F.S. A importância da leitura na formação do leitor. *Revista de Educação IDEAU*, v. 10, n. 22, p. 1-13, 2015. Disponível em: https://www.caxias.ideau.com.br/wp-content/files_mf/d4ec50fa8dff16815b9bf525976d2b5c277_1.pdf. Acesso em 02 out. 2025.

LIMA, R.V.G. Estratégias de incentivo à prática de leitura em sala de aula. *Revista Filosofia Capital*, v. 12, p. 52-60, 2017. Disponível em: <https://www.filosofiacapital.org/index.php/filosofiacapital/article/view/371/306>. Acesso em: 05 out. 2025.

MENDONÇA, M. Gêneros: por onde anda o letramento? In: SANTOS, C.F. MENDONÇA, M. *Alfabetização e letramento: conceitos e relações*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

NASCIMENTO, L.C. Estratégias de incentivo à leitura: uma proposta da gestão para o ensino fundamental. *Minerva Magazine Of Science*, [s.d.]. Disponível em: [ARTIGO-ESTRATÉGIAS DE INCENTIVO À LEITURA- PARA DOUTORADO ok.pdf](#). Acesso 05 out. 2025.

RANGEL, M. MACHADO, J.C. O papel da leitura e da escrita na sala de aula: estratégias de ensino para dinamização dos processos de leitura e escrita. *Anais do Sielp*, v. 2, n. 1, Uberlândia, 2012. Disponível em: https://www.ileel.ufu.br/anais-do-sielp/wp-content/uploads/2014/07/volume_2_artigo_229.pdf. Acesso 04 out. 2025.

SANTOS, C.F. ALBUQUERQUE, E.B.C. Alfabetizar letrando. In: SANTOS, C.F. MENDONÇA, M. *Alfabetização e letramento: conceitos e relações*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SILVA, P.G.F. SANTOS, M.R.B. Alfabetização e letramento: conceitos e diferenças. *Conedu VII Congresso Nacional de Educação*, out. 2020. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2020/TRABALHO_EV140_MD1_SA8_ID304_01102020180233.pdf. Acesso em: 02 out. 2025.

SOARES, M.B. Alfabetização e Letramento: caminhos e descaminhos. In: INFORSATO, E.C. COELHO, S.M. *Anos Iniciais do Ensino Fundamental*. São Paulo: Unesp, Pró-Reitoria de Graduação, 2017.

_____. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, R. SILVA, E.T. *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 1988.